



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

Pró-reitoria de Pesquisa e Extensão
Projeto de Pesquisa Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior
PIBIC-Jr/FAPEMIG
Área do conhecimento: Artes Visuais/ Cerâmica

Título:

Cartografia e descrição preliminar de sítios arqueológicos cerâmicos na região da cidade de Lagoa Dourada, Minas Gerais, Brasil.

Proponente: Prof. M. Cristiano Lima Sales

DAUAP - Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Artes Aplicadas
Curso: Artes Aplicadas

São João Del-Rei, 18 de setembro de 2016

1 – Introdução

Em nosso país, o cidadão comum que encontra acidentalmente fragmentos ou objetos inteiros de cerâmica confeccionados por povos pretéritos, desenterrados por alguma eventualidade natural ou provocada pelo homem, geralmente fica fascinado e curioso a respeito desses vestígios pelo que eles têm de familiar e ao mesmo tempo, de “estranho” – foram produzidos intencionalmente, por seres tão humanos quanto nós, mas, ao mesmo tempo, viventes em outros contextos culturais e/ou temporais distantes da nossa realidade atual. Os vestígios cerâmicos nos levam ao nosso passado através da sua existência física, material, justificando nosso interesse, desafiando nossa curiosidade. E quando suspeitamos que o material cerâmico encontrado pode ter sido produzido por indígenas ou quilombolas que porventura habitaram a área da descoberta (que se tornou um sítio arqueológico com o tempo), nossas conjecturas nos remetem a épocas remotas sobre as quais todos construímos fascinantes imagens mentais, ainda que, muitas vezes, fantasiosas, devido ao fato de pertencermos a contextos histórico-culturais bastante diferentes.

Vestígios os mais variados são fontes de informação para a ciência arqueológica. Quando falamos especificamente de vestígios de sociedades tribais, geralmente eles podem ser divididos em três grandes categorias: arte rupestre, lítico (“restos” ou objetos de pedra trabalhada pelo homem) e cerâmica. Mas todas as outras interferências que demarcam a presença humana no meio como, por exemplo, os sepultamentos, marcas de assentamento (fundos de cabana, buracos de esteios, antigas roças...), “oficinas” de produção de artefatos, entre outras, são estudadas pelos arqueólogos como um inventário cultural do grupo em investigação, para o qual importa a contextualização espacial dos objetos arqueológicos. Esses objetos precisam ser percebidos e entendidos em seu contexto, para que a pesquisa ganhe um fundamento mais sólido.

A cerâmica é, seguramente, um dos temas mais apaixonantes e populares entre aqueles investigados pela Arqueologia, Antropologia e História da Arte. Nesses campos de estudo, a cerâmica é considerada uma espécie de “material ideal ou diagnóstico”. “Material ideal” porque, devido à sua capacidade relativamente grande de se preservar, torna-se uma categoria de vestígio abundante em muitos sítios arqueológicos, onde aparece na forma de objetos inteiros ou em cacos. O estudo da cerâmica arqueológica presta informações pela análise da morfologia dos objetos, pela iconografia (quando presente) nas peças, pela composição material da massa utilizada, pelas técnicas de construção e queima, pelas

marcas de uso e até pela forma de descarte dos objetos. E quando se afirma que a cerâmica é um “material diagnóstico”, isso quer dizer que, muitas vezes, na etno-história de povos extintos em todo o mundo e especialmente nas Américas, a ocorrência de um determinado “tipo” ou “tradição” ceramista em uma área foi usada como indicativo essencial da existência e ocupação dessa área por determinada etnia. Ou seja, a tradição cerâmica acabou “batizando” e demarcando a existência da etnia que a produziu.

No Brasil, investigações acadêmicas em arqueologia são relativamente recentes. Com a atuação das Missões Franco-Brasileiras, desde 1973, pesquisas sistemáticas nesse campo ganharam impulso em Minas Gerais (Lagoa Santa) e no Piauí e logo surgiram trabalhos em outras regiões como nos estados de Goiás, Mato Grosso e no Nordeste. De início, pesquisadores como André Prous (em Minas Gerais) e Niéde Guidon (no Piauí) começaram a esboçar um quadro geral preliminar que permitiu determinar algumas grandes unidades estilísticas regionais procurando classificar os vestígios arqueológicos encontrados. A partir daí, conjuntos semelhantes de expressões em arte rupestre, material lítico e cerâmica receberam nomes característicos. Aqueles conjuntos que pertenciam a um mesmo período e apresentavam um traço distintivo (uma técnica ou temática iconográfica recorrente, por exemplo) passaram a ser agrupados em “Tradições”.

Hoje em dia, devido ao avanço dos estudos, que ampliou nosso conhecimento e tornou o quadro classificatório dos vestígios arqueológicos extremamente complexo, sua divisão em “tradições” tem sido muito criticada no meio arqueológico/antropológico, especialmente entre os pesquisadores da arte rupestre. Estes, ressaltam, com pertinência, a complexidade do mundo pictórico do Brasil pré-histórico e as dificuldades em apreendê-lo e subdividi-lo didaticamente. Nós mesmos, em nossas últimas pesquisas, percebemos uma inconsistência cada vez maior nessas classificações, alertando a comunidade arqueológica sobre esse fato (SALES, 2012). No entanto, de modo geral, ainda é adotada, no Brasil, esse tipo de classificação, pois, em determinados casos, estamos em fase de reconhecimento e “princípio de organização” didática da diversidade de vestígios arqueológicos que ocorrem no país. Assim, a utilidade dessas classificações está ligada à sua localização. Precisamos recorrer às supostas “tradições arqueológicas” para termos uma ideia da distribuição espacial das mesmas no território brasileiro e esboçar um quadro antropológico de possíveis relações entre grupos culturais diferentes.

No que tange à cerâmica arqueológica, uma relação cultural que normalmente é estabelecida (embora seja questionável em muitos casos) indica que a introdução da olaria (criação de condições propícias para, e do hábito de produzir objetos em cerâmica) estaria associada a uma nova e gradual organização das aldeias indígenas, a uma fixação (relativa) das populações que a utilizaram e ao desenvolvimento da agricultura. A confecção de vasilhames de cerâmica seria motivada pela necessidade de armazenar e preparar alimentos produzidos em maior quantidade nas “roças primitivas”.

No Brasil, dentro do tradicional quadro classificatório das tradições arqueológicas, foram descritas duas grandes “famílias ceramistas”: as “Tradições Amazônicas” e a “Tradição Tupiguarani”. A região amazônica tornou-se área de dispersão de culturas pré-históricas desde fins do Pleistoceno; Já estava ocupada há mais 12.000 anos por grupos de caçadores-coletores e temos registros seguros do início da produção em cerâmica na área entre 6.000-5.000 a.C (NATALINO, 2006). Muitas tradições ceramistas, como a Marajoara, Santarém, Maracá, Aristé, Guarita, entre outras, com suas respectivas variações, já foram descritas na Amazônia, formando um quadro conjuntural rico e complexo. Já a Tradição Tupiguarani, embora apresente significativas variações locais, algumas vezes sugere uma improvável homogeneidade cultural relacionada às características da cerâmica localizada em mais de mil sítios arqueológicos registrados em uma área muito extensa (uma faixa de cerca de 4.000 Km no sentido SW-NE) dentro do território brasileiro. Devido a essa grande dispersão dos grupos que produziam esse tipo de artefato, associada à navegação de grandes rios das principais bacias fluviais brasileiras, a cerâmica Tupiguarani é considerada uma “tradição pan-brasileira” (PROUS, 1992; PROUS, 2003, PROUS 2005).

Além das duas grandes “famílias ceramistas” mencionadas, no país aparecem outras tradições mais regionalizadas, como um complexo ceramista meridional (no Rio Grande do Sul), culturas ceramistas nordestinas e pelo menos dois complexos centrais nas formas das cerâmicas Una e Aratu-Sapucai-Uru (em Goiás, Minas Gerais e Bahia).

Há alguns meses, chamam nossa atenção relatos sobre a existência de sítios arqueológicos com vestígios de cerâmica e pedra polida no Município de Lagoa Dourada (região Centro-Sul do Estado de Minas Gerais, mesorregião do Campo das Vertentes, microrregião de São João Del-Rei).



(Vestígios arqueológicos em cerâmica e pedra polida encontrados em Lagoa Dourada, M.G. – Fotos: C. Lima, 2015)

Motivados por esses relatos, reconhecemos a necessidade de um trabalho científico de registro, pesquisa e relacionamento desses sítios arqueológicos inéditos nos estudos acadêmicos e de seus vestígios superficiais, em comparação com descrições já realizadas em outras áreas do Estado, possibilitando uma análise global dos achados em Lagoa Dourada e sua inserção no quadro geral da arqueologia de Minas Gerais.

Avaliar a dispersão de determinada maneira de confeccionar objetos em cerâmica exige prospecções sistemáticas em várias regiões, pois, dificilmente, uma única equipe de pesquisa consegue realizar trabalhos detalhados em toda área ocupada por um tipo “tradição” ceramista. É para contribuir com o conhecimento da cerâmica arqueológica em

Minas e na região foco da pesquisa que ora propomos realizar um trabalho de cartografia e descrição preliminar dos sítios cerâmicos mencionados.

Novas investigações podem gerar informações decisivas para que possamos conhecer mais a fundo o processo de ocupação do nosso território e as relações dos grupos humanos com o ambiente onde vivemos hoje. Nesse sentido, julgamos imprescindível o desenvolvimento da pesquisa científica, à medida em que esta contribui para a formação de consciências que se identifiquem e se relacionem com o patrimônio cultural legado pelos nossos ancestrais; e promove a sensibilização, valorização e envolvimento da comunidade, ampliando, assim, a capacidade de observação da realidade local para compreender as relações sociais globais existentes no nosso próprio tempo.

Nosso país precisa mudar o quadro geral de desconhecimento em relação às nossas culturas ancestrais, situação que acaba por gerar preconceitos terríveis contra as populações indígenas que habitaram/habitam nosso território e que construíram todo um saber no processo de co-evolução com o meio natural - um conhecimento herdado por nós, mesmo que não percebamos claramente.

Este projeto de pesquisa surge dessas inquietações e como uma continuação das nossas pesquisas anteriores em torno da cartografia da cultura material relacionada à Etno-história indígena de Minas Gerais, que desenvolvemos, sempre na perspectiva da interdisciplinaridade, desde 2006. Se antes focamos nas expressões de arte rupestre (RESENDE, SALES, ROCHA e FONSECA, 2010; SALES, 2012), agora começamos a explorar mais a fundo o universo da cerâmica arqueológica, uma vez que, atualmente, atuamos no curso de Artes Aplicadas da UFSJ, com ênfase em cerâmica. Dessa maneira, poderemos aproveitar nossa formação e atuação em pesquisas que utilizaram metodologias da geografia, arqueologia, antropologia e história e nossa própria experiência prática como ceramistas para desenvolver um novo eixo de pesquisa tendo como objeto a cerâmica arqueológica. Uma vez aprovado, este projeto de pesquisa contará também com a atuação do arqueólogo Alexandre Henrique Delforge, credenciado no IPHAN e professor do curso de Artes Aplicadas da UFSJ, que acompanhará o desenvolvimento de toda a pesquisa como colaborador oficial ou coorientador.

2 – Objetivos

2.1 - Objetivo Geral

Este projeto transdisciplinar, fundamentado na intercessão dos campos da geografia, arqueologia, etno-história, histórica da arte e história regional, pretende registrar a existência e investigar sítios arqueológicos com vestígios cerâmicos no Município de Lagoa Dourada, Minas Gerais.

2.2 - Objetivos específicos

- Criar um mapa cartográfico dos sítios arqueológicos com vestígios cerâmicos reconhecidos na cidade alvo da pesquisa e em seu entorno, incluindo uma breve caracterização preliminar de cada sítio identificado;
- Introduzir o bolsista no universo da pesquisa científica, instrumentalizando-o para uso de conceitos e práticas básicos dos campos da geografia, da arqueologia e da etno-história, na escrita científica e no manejo de equipamentos de georreferenciamento e técnicas de elaboração de mapas;
- Contribuir para a etno-história em Minas Gerais e para a história regional da área;
- Elaborar apresentações descritivas didáticas dos sítios arqueológicos investigados e expor os resultados da pesquisa à sociedade local através de um trabalho de educação patrimonial a ser apresentado na rede pública de ensino, com o qual procuraremos despertar o interesse e o compromisso da comunidade em proteger os sítios, destacando seu valor estético, cultural, histórico e patrimonial;
- Estimular a criação de projetos de tombamento, proteção e novas pesquisas dos sítios arqueológicos identificados.

3 – Metodologia

Os procedimentos metodológicos devem ser flexíveis e abertos a novas situações que poderão surgir de todas as partes envolvidas no desenvolvimento do trabalho. No entanto, inicialmente propomos a divisão de tarefas da seguinte maneira:

- Pesquisa bibliográfica e técnica nos campos da geografia, arqueologia, antropologia e história, que dará suporte ao trabalho prático;
- Trabalhos de campo (viagens à cidade de Lagoa Dourada e seu entorno) para prospecção, identificação, localização (georreferenciamento) e registro fotográfico dos prováveis sítios arqueológicos com vestígios de cerâmica;
- Reunião, organização e análise de toda informação recolhida a campo;
- Elaboração do mapa cartográfico geral e caracterização preliminar dos sítios investigados;

Referências Bibliográficas

BERNARDO, Danilo Vicensotto. O Nome da tribo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 6, nº 71. Rio de Janeiro: SABIN, 2011, p. 34-35.

BICHO, Nuno F. *Manual de Arqueologia Pré-histórica*. Lisboa: Edições 70, 2006.

CRIADO BOADO, Felipe. Límites y posibilidades de la arqueología del paisaje. In *SPAL Revista de Prehistoria y Arqueología*. Vol 2. Universidad de Sevilla. 1993 (mimeog).

DOLFUSS, Olivier. *A análise geográfica*. São Paulo: DIFEL, 1973.

FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Arqueologia e Patrimônio*. São Paulo: Habilis Editora, 2007.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu ; NOELLI, Francisco Silva. *Pré-história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002 (Ed. 2005).

GUIDON, Niéde. O país não liga para seu patrimônio (entrevista). *Nossa História*. Agosto/2005, p. 42-45.

GUIMARÃES, Betânia Maria Monteiro; CORRÊA FILHO, João Antônio; LEAL, Murilo Cruz (orgs.). *Paisagens das Vertentes*. São João del Rei: UFSJ, 2008.

GUIMARÃES, Betânia Maria Monteiro; CORRÊA FILHO, João Antônio; LEAL, Murilo Cruz (orgs.). *O artesanato das Vertentes*. São João del Rei: UFSJ, 2008.

HEMMING, John. Os índios do Brasil em 1500. In: Leslie Bethell (org). *História da América Latina*. São Paulo: EdUSP, 1999, Vol1 – p. 101-127.

LEROI-GOURHAN, André. *Pré-História*. São Paulo: EdUSP, 1981.

LUZ, Claudia e DAYRELL, Carlos. (orgs.). *Cerrado e Desenvolvimento – Tradição e Atualidade*. Montes Claros: Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas – CAA-NM / REDE CERRADO – Rede Cerrado de Organizações Não Governamentais, 2000.

MOBERG, Carl-Axel. *Introdução à Arqueologia*. Lisboa: Edições 70, 1981.

NATALINO, Eduardo et all. *Por Ti América – Arte pré-colombiana*. Rio de Janeiro: MINC/Centro Cultural Banco do Brasil, 200z.

NEVES, Walter Alves; PILÓ, Luiz Beethoven. *O Povo de Luzia – em busca dos primeiros americanos*. São Paulo: Globo, 2008.

PESSIS, Anne-Marie. A transmissão do saber na arte rupestre, In: *Antes: História da Pré-história*. Rio de Janeiro: MINC/Centro Cultural Banco do Brasil, 2004, p. 142-165.

PESSIS, Anne-Marie. A arte de ser humano. *Nossa História*. Agosto/2005, p. 36-40.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Ed. UNB, 1992.

PROUS, André; BAETA, Alenice; RUBBIOLI, Ezio. *O patrimônio arqueológico da região de Matozinhos: conhecer para proteger*. Belo Horizonte: Ed do autor, 2003.

PROUS, André (e PIMENTEL, Lucia Gouvêa – orientações pedagógicas). *Arte Pré-histórica do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 2007.

RESENDE, Maria L. Chaves de; SALES, Cristiano Lima; ROCHA, Leonardo Cristian; FONSECA, Bráulio Magalhães. Mapeamento da arte rupestre na Estrada Real. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte: Rona Editora Ltda. Ano XLVI, n° 2, julho-Dezembro de 2010.

ROUGERIE, Gabriel. *Geografia das paisagens*. São Paulo: DIFEL, 1971.

RODRIGUES, Igor Morais Mariano. *Fora das grandes aldeias: A ocupação do recôndito sítio arqueológico Vereda III*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2011. (mimeog.)

SALES, Cristiano Lima. A Estrada Real nos cenários arqueológico, colonial e contemporâneo: construções e reconstruções histórico-culturais de um caminho. Dissertação de mestrado em História. São João del-Rei: UFSJ, 2012. (mimeog.)

SEDA, Paulo. Arqueologia e história indígena: por uma História Antiga da América. In: OLIVEIRA, Ana Paula de P. Loures de. (org.). *Arqueologia e Patrimônio de Minas Gerais*. Juiz de Fora: Editar, 2007.